

**AVI (MEU PAI) / POR ITAMAR BEN-AVI EM HOMENAGEM A
ELIEZER BEN-YEHUDA**

**AVI (MY FATHER) / BY ITAMAR BEN-AVI IN HOMAGE TO
ELIEZER BEN-YEHUDA**

Gabriel Steinberg*

Resumo: Este texto apresenta a tradução do manifesto *Avi* (Meu pai) escrito por Itamar Ben-Avi, primogênito de Eliezer Ben-Yehuda em 1927. O texto teve como objetivo prestar uma homenagem a seu pai, importante ativista e ideólogo sionista, e principal responsável pela renovação e transformação do hebraico em língua vernacular. Itamar Ben-Avi foi o nome adotado por Ben Tsion Ben-Yehuda, que ficou conhecido com o “primeiro menino hebreu” da era moderna. Jornalista e ativista sionista, Itamar seguiu os passos de seu pai e foi responsável pela criação de novos termos e novos vocábulos que acabaram sendo incorporadas à língua renovada. Acompanhou a feroz resistência enfrentada por seu pai, e junto com ele, pode vislumbrar a vitória da transformação do hebraico em língua falada pelas novas gerações nascidas na Terra de Israel, no período que antecedeu a fundação do Estado.

Palavras-chave: Sionismo, Eliezer Ben-Yehuda, Língua hebraica, Língua vernacular.

Abstract: This text presents the translation of the manifesto *Avi* (My Father) written by Itamar Ben-Avi, firstborn of Eliezer Ben-Yehuda, in 1927. The text aimed to pay tribute to his father, an important Zionist activist and ideologue, mainly responsible for the renovation and transformation of Hebrew into the vernacular language. Itamar Ben-Avi was the name adopted by Ben Tsion Ben-Yehuda, who became known as the “first Hebrew boy” of the modern era. Journalist and Zionist activist, Itamar followed in his father's footsteps and was responsible for creating new terms and new words that ended up being incorporated into the renewed language. He followed the fierce resistance faced by his father, and along with him, he could see the victory of transforming Hebrew into a language spoken by the new generations born in the Land of Israel, in the period before the foundation of the State.

Keywords: Zionism, Eliezer Ben-Yehuda, Hebrew language, Vernacular language.

O ano de 2022 marca o centenário de falecimento de Eliezer Ben-Yehuda, ativista sionista e principal responsável pela renovação e transformação do hebraico em língua oficial

* Gabriel Steinberg é professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
E-mail: <steinberg1818@usp.br>.

do Estado de Israel, que viria a ser criado em 1948. Ben-Yehuda nasceu em Lujki, no então Império Russo, que atualmente faz parte da Bielorrússia, como Eliezer Yitzchak Perlman, em 07 de janeiro de 1858. Cresceu num lar profundamente religioso e perdeu o pai aos cinco anos de idade. Foi enviado pela mãe para estudar numa *yeshiva*, uma escola rabínica, cujo diretor apoiava em segredo o movimento do iluminismo judaico, que nessa época estava amplamente disseminado na Europa Central e Ocidental, mas que ganhava adeptos de forma tardia entre os judeus da Europa Oriental. Mudou-se para a aldeia de Głębokie para morar na casa de seu tio, Eliezer Wolfsohn, que tentou afastá-lo do movimento da *Haskalá*, porém seu esforço não surtiu efeito. Na mesma época conheceu um judeu abastado de nome Shlomo Naftali Jonas, que se tornaria seu sogro em alguns anos. Na casa de Jonas aproximou-se da cultura universal, aprendeu o russo e decidiu afastar-se definitivamente do mundo religioso judaico abraçando a cultura secular pregada pelo movimento da *Haskalá*.

Ao concluir o Ensino Médio em 1877, decidiu viajar a Paris com o intuito de estudar medicina. Foi aceito como estudante na faculdade de medicina em 1879. Em abril do mesmo ano, escreveu seu primeiro manifesto político intitulado *Sheelá Lohatá* (Uma questão candente) que acabou sendo publicado no periódico *Hashachar*¹ (O Amanhecer) sob o título *Sheelá Nichbadá* (Uma questão notável), por sugestão do editor, Peretz Smolenskin. Ele assinou esse manifesto sob o pseudônimo Ben-Yehuda, nome que viria a adotar pouco tempo depois, ao decidir imigrar para a Palestina. No manifesto aqui mencionado, Ben-Yehuda chegou a afirmar:

A Língua Hebraica poderá viver somente se ressucitarmos a nação e a mobilizarmos para retornar à sua pátria. Numa análise final, essa é a única forma de alcançar a nossa redenção perpétua. Sem essa solução estaremos perdidos, perdidos para sempre. (Citado por AVINERI, 1983, p. 102)

Em Paris, Ben-Yehuda contraiu tuberculose, doença que o abalou ao longo de toda a vida, assim como à sua família. Por ordem médica, decidiu viajar para a Argélia a fim de encontrar um alívio para a doença num país de clima quente. Permaneceu ali por alguns meses entre 1880 e 1881. Em maio de 1881 retornou a Paris e comunicou a Shlomo Naftali Jonas e à sua filha Dvora, seu desejo de imigrar para a Palestina e ali estabelecer-se. Ele encontrou-se então com Dvora em Viena e viajou com ela até a Turquia, depois ao Cairo onde os dois se

¹ O periódico *Hashachar* (O Amanhecer), circulou entre 1868 e 1885 na cidade de Viena. Seu editor foi Peretz Smolenskin, que tinha aderido ao movimento da *Haskalá* no Leste da Europa e que se tornou um importante ativista sionista. Seu jornal serviu como veículo de divulgação em hebraico dos ideais do renascimento nacional sionista na Terra de Israel. (AVINERI, 1983, p. 73)

casaram. O jovem casal chegou a Jafa em outubro de 1881, fazendo parte assim da primeira *aliá*, a primeira onda imigratória judaica da era moderna a retornar a Eretz Israel.

O casal estabeleceu-se em Jerusalém, prometendo que ambos haveriam de falar desde esse instante somente em hebraico. As condições financeiras do casal eram extremamente modestas e Ben-Yehuda começou a escrever para o jornal *Havatsselet*,² onde aproveitou para veicular suas ideias sobre o renascimento de um hebraico modernizado destinado à comunicação diária. Ben-Yehuda encontrou então uma feroz resistência entre os integrantes do velho *Ishuv*,³ em especial entre a antiga comunidade judaica predominantemente *ashkenazita*, que encarava suas ideias sobre a renovação do hebraico e sua utilização como língua de comunicação diária como uma heresia. Numa carta enviada em 1880 a Dvora, então sua noiva, Ben-Yehuda já tinha expressado sua intenção de revolucionar a língua ancestral ao afirmar:

Decidi, que a fim de termos nossa própria terra e vida política também é necessário que tenhamos uma língua que nos una. Essa língua é o hebraico, mas não o hebraico dos rabinos e eruditos. Temos de ter uma língua hebraica em que possamos tratar dos assuntos da vida. (SACHAR, 1989, p. 82)

Em 31 de julho de 1882 nasceu o primeiro filho do casal, chamado Ben Tsion Ben-Yehuda, que posteriormente mudou seu nome para Itamar Ben-Avi. Ben-Tsion seria chamado de “o primeiro menino hebreu”, já que foi a primeira criança a nascer num lar onde o hebraico tornara-se língua materna. Em 1883, Ben-Yehuda renunciou à cidadania do Império Russo e adotou a cidadania do Império Turco-Otomano, potência que dominava a Palestina desde 1516 até então. Em 1884, Ben-Yehuda fundou dois novos jornais, *Mevasseret Tsion* e *Hatsvi*, através dos quais combateu seus opositores e criticou o fanatismo religioso judaico que imperava então em Jerusalém.

Ben-Yehuda foi o responsável pela fundação do Comitê da Língua Hebraica em conjunto com seu amigo David Yelin em 1890⁴. Segundo Rifka Berezin:

² *Havazeleth* foi um jornal em hebraico publicado em Jerusalém com duas edições mensais entre 1863 e 1911. O jornal foi editado inicialmente por Israel Bak (Druker) importante ativista político do século XIX e editor de livros e jornais. Israel Bak é considerado o responsável por impulsionar o mercado editorial e gráfico na Palestina daquela época. (<https://hebrew-academy.org.il/2014/07/17/>)

³ *Ishuv* – Lit: comunidade, coletividade. Termo usado para definir a comunidade judaica existente na Palestina anterior à chegada das ondas imigratórias a partir do final do século XIX. Essa comunidade era formada tanto por judeus de origem *ashkenaze* como por judeus *sefarditas*. Quase todos eles eram membros da ortodoxia e muitos deles, em especial os integrantes do primeiro grupo, viviam na dependência de dinheiro doado pelas diferentes comunidades judaicas do exterior.

⁴ Várias etapas antecederam a criação da Academia da Língua Hebraica fundada pelo governo de Israel em 1953. Tudo teve início quando Eliezer Ben-Yehuda deu origem à Associação *Tehiat Israel* (Renascimento de Israel)

O Comitê da Língua Hebraica se dedicou a um trabalho organizado de renovação e ampliação da língua, criando novos vocábulos, incorporados pelos falantes do hebraico daquele tempo. Foi esse comitê, dirigido por Ben-Yehuda, que decidiu pela adoção da pronúncia *sefardita* do hebraico, sob a argumentação de que essa pronúncia seria mais bela, mais suave, e a que melhor lembrava a fala oriental e, talvez, a fala dos hebreus antigos. (BEREZIN, 2009, p. 38)

Em setembro de 1891, Dvora faleceu de tuberculose deixando Ben-Yehuda viúvo com cinco filhos. No entanto, três desses filhos acabaram morrendo de difteria em pouco tempo. No ano seguinte, Ben-Yehuda casou-se com Paula Jonas, irmã de sua falecida esposa e que viria se tornar seu grande apoio em sua luta pela renovação do hebraico, adotando o nome Hemda Ben-Yehuda.

Entre 1913 e 1914, Ben-Yehuda envolveu-se na famosa disputa com a *Hilfsverein der Deutschen Juden*, instituição filantrópica judaica alemã que mantinha uma grande rede de escolas em todo o *Ishuv*, a comunidade judaica da Palestina sob domínio otomano. A associação filantrópica ao criar o *Technikum*, o Instituto Técnico de Haifa, que viria a se tornar o *Technion*, planejava que as disciplinas ali fossem ministradas em alemão. A questão do hebraísmo versus germanismo tornou-se então incômoda. Como diz Sachar:

A decisão, no entanto, provocou uma onda de indignação entre os colonizadores sionistas. Ben-Yehuda ficou apoplético. “O sangue correrá pelas ruas”, advertiu ele ao diretor do *Hilfsverein*. Também por instigação de Ben-Yehuda reuniões de protesto foram organizadas por estudantes e professores judeus em todo o *Ishuv*. (SACHAR, 1989, p. 84)

A controvérsia sobre as línguas chegou ao fim em fevereiro de 1914, quando a direção do *Technion* reconsiderou sua decisão e concordou com que todos os cursos fossem ministrados em hebraico. Era esse mais um passo rumo à vitória da luta em prol da língua hebraica. A luta de Ben-Yehuda foi bem sucedida graças à adesão dos professores que se engajaram para instruir seus alunos somente em hebraico. Assim, como afirma Rabin:

juntamente com Yechiel Mical Pinnes em 1882. Em setembro de 1889, Ben Yehuda em conjunto com o rabino Yaacov Meir e com Haim Kalmi, criou a Associação *Safá Brurá* (Língua clara) que em 1890 mudou seu nome para Comitê da Língua Hebraica. Esse comitê deu origem posteriormente à Academia da Língua Hebraica. (<https://hebrew-academy.org.il/2014/07/17>)

A ideia de Ben-Yehuda, que finalmente trouxe o resultado almejado, foi a de introduzir o hebraico nas escolas como língua de instrução... As dificuldades foram muitas e não foi em todos os lugares que se conseguiu manter o hebraico como única língua de ensino, especialmente quando a comunidade dependia do apoio de organizações judaicas do exterior, que tendiam a introduzir, nas escolas por elas mantidas, a língua de seu respectivo país. Mas, de modo geral, a rede de escolas estava se formando, sendo reforçada com a criação de jardins de infância e escolas de nível médio. (RABIN, 1973, p. 98)

Quando Ben Yehuda faleceu em sua casa em Jerusalém no dia 16 de dezembro de 1922, ele estava debruçado na elaboração do oitavo volume do grande dicionário, obra monumental que foi publicada em dezessete volumes entre 1908 e 1959. Milhares de falantes dessa língua renovada acompanharam seu cortejo fúnebre rumo ao cemitério do Monte das Oliveiras. Como a sociedade funerária recusou-se inicialmente a sepultá-lo, já que ele continuava sendo considerado pela ala ortodoxa como um herege excomungado, Ben-Yehuda acabou sendo enterrado numa ala separada e cercada por uma grade, próxima ao muro do cemitério. Ben-Yehuda travou em vida uma luta descomunal que acabou sendo vitoriosa. Graças a ele, o hebraico voltou a alcançar um novo status, retornando 1800 anos depois de ter caído em desuso na comunicação diária, na língua oficial do Estado de Israel e de milhões de falantes.

A seguir, a tradução do texto *Avi* (Meu Pai) escrito por Itamar Ben-Avi, primogênito de Ben-Yehuda.

a) A Via Dolorosa ou o caminho para a vitória

1

Tenho consciência de que não é comum um filho escrever sobre seu pai. No entanto, preciso ser corajoso o suficiente para me excluir desse princípio, pois embora trate-se do meu pai, ao mesmo tempo, não é ele também o pai da língua hebraica renascida na libertada terra de Judá? E se ele não é o pai de todos os hebreus, pelo menos eu assim o considero.

Enquanto eu estiver vivo, jamais me esquecerei daquele dia glorioso, cerca de trinta anos atrás, quando estava eu nos jardins Asher em Jerusalém. Estávamos no meio do verão que dominava tudo. As amendoeiras ainda estavam verdes e centenas de pássaros pulavam de galho em galho, emitindo os sons mais lindos captados em meus pequenos ouvidos. De repente, senti que mãos agarravam minha cintura e me colocavam sobre uma mesa vermelha, que estava presa na terra.

- Oh, como ele parecia grande e alto aos meus olhos infantis! - Eu juntei então minhas mãos uma na outra num emaranhado.

- Bem, você ficou mais alto do que eu - disse meu pai que ficou ao meu lado por alguns momentos.

- Sobre esta mesa talvez - respondi imediatamente - mas em outros lugares nunca chegarei sequer à altura dos seus ombros!

- Meu pobre filho – murmurou tristemente meu pai - qual será o seu destino na vida então?

E eu, sem hesitar, mesmo por um momento - me peguei respondendo-lhe:

- Como você é meu pai (*avi*), vou me esforçar para ser o filho de meu pai (*ben avi*), um filho pequeno diante de um pai tão importante.

2

Esse sentimento da grandeza de meu pai, não necessariamente como meu progenitor, mas como uma pessoa que ocupou um lugar tão destacado no renascimento da nação hebraica, está profundamente enraizado em meu coração desde o início da minha vida. E como não haveria de ser diferente? Nossa casa sempre esteve atulhada de turistas - judeus, muçulmanos e até cristãos - que vinham dos quatro cantos do mundo para ver nosso belo país, e para reverenciar o herói de uma lenda no universo das línguas, que ele próprio criou, e que desde a grande dispersão que sobre nós se abateu, nenhum outro judeu teve o privilégio de vivenciar um momento assim como ele viveu.

Efetivamente, uma lenda é esta, uma lenda que se tivesse sido contada por um importante poeta, milhares de olhos teriam derramado lágrimas ao ouvi-la. E tudo começou quando o jovem Eliezer, aos dezoito anos deixou sua pobre aldeia na planície nublada da Lituânia, e no bolso ele possuía apenas dez rublos, para iniciar suas andanças rumo a Paris, a cidade dos seus sonhos. E desde aqueles dias distantes até os atuais dias turbulentos, dias de sangue e fogo, e até de guerra, que o irritaram e perturbaram seu descanso em Jerusalém, obrigando-o a enfrentar todos os anos de forma heroica, e o obrigaram impiedosamente a deslocar-se para terras estrangeiras, enquanto a maioria dos seus alunos e amigos (a mesma nova geração formada e forjada graças a seu labor pessoal) pode permanecer nesta terra, mesmo enfrentando um destino incerto. Desde então até agora, por quase todos os dias e horas, dezenas de incidentes afligiram sua vida, acidentes tão estranhos e variados que ultrapassam toda imaginação.

3

Quão difícil é, às vezes até imaginar hoje, que todos os grandes acontecimentos ocorridos em nosso país com a ressurreição do nosso povo, que se aproxima, ocorreram há pouco mais de trinta anos. Milhares dos nossos mais entusiastas sionistas, incluindo aqueles para quem o sionismo lhes foi ensinado nas escolas como uma coisa simples e natural, certamente abririam os olhos com espanto se eu confessasse a eles, que se meu pai tivesse seguido a lição dos gênios franceses como Renan e outros, certamente a língua hebraica não seria falada hoje nem sequer nas ruas da sagrada Jerusalém, e a ideia do despertar nacional não encontraria eco nem mesmo no coração do ativista judeu Peretz Ben-Moshe (Smolensky).

Tal era, portanto, o status em nosso mundo israelita: quem então utilizava o termo "hebreu"? Mas quando Ben-Yehuda, o inocente sonhador, decidiu viajar de imediato para a terra dos nossos antepassados, apesar de seus pulmões adoecidos e da vida pobre em Paris, (e mesmo sua estadia na cidade de Argel foi incapaz de curá-lo). E quando ele finalmente navegou rumo ao tão sonhado Leste, ele foi saudado pelo forte sol na pitoresca cidade de Jafa, entre as rochas e as ondas do mar, - e o que ele encontrou em seu caminho rumo a Jerusalém além de zombaria, aborrecimento e ceticismo?

- Vocês escutaram? – diziam as pessoas umas às outras - um homem chamado Ben-Yehuda chegou a Eretz Israel. Mas quem é que o convidou para vir à antiga e sagrada Sion? Esse pirralho fala conosco com petulância, esse “maldito esqueleto” (ele era realmente magro) acha que poderia falar conosco como se fosse o ungido? Como ele se atreveu a acreditar que eles - os que se debruçam em orações no Muro Ocidental, ou os que rezam com fervor na tumba de nossa Matriarca Raquel, eles que se consideravam os detentores do poder sobre o judaísmo, mas que mantiveram distante a nossa redenção, haveriam de escutar as súplicas desse inimigo de Israel que profanou a santidade do judaísmo ao dirigir-lhes a palavra em seu “hebraico secular”? Se esse filho rebelde e desobediente tivesse seguido o conselho desses opositores, certamente ele logo deixaria a Cidade de David em sinal de protesto e partiria até Jafa num navio após tanta oposição e insistência para que se retirasse daqui!

4

Mas não! Meu maravilhoso pai, esse homem de ferro e de nobre espírito, jamais se renderia a eles. Ele não se abalou diante dos risos ao seu redor, muito menos permitiu que sua alma fosse abalada pelo ódio da multidão. E quando o boicotaram, ele se abalou? E então eles voltaram e o excomungaram em público, e todas as sinagogas foram cobertas de preto, e os velhos rabinos advertiram a todos pelos quatro cantos do mundo, informando que "o herege ousado tinha morrido para sempre" - e os mais severos até o privaram de ter um lugar no mundo vindouro, ele não se abalou e enfrentou a tempestade como uma rocha no meio do mar, seu

sentido oculto sussurrava em seus ouvidos encorajando-o sempre e lhe dizendo: - Não importa, seja forte e persistente porque somente o nosso caminho representa o futuro do nosso povo!.

5

E não imaginem vocês que a vida em sua casa no início de sua ação lendária, tenha sido tranquila e agradável. Por muitos anos, ele e sua esposa, minha falecida mãe, viveram num apartamento que ficava num porão, num dos cantos mais sombrios da Cidade Velha de Jerusalém. Por muitos e muitos meses, a primeira mãe hebreia da era moderna, balançou o berço do seu filho, o pioneiro, com os olhos marejados o tempo todo, porque até o quarto ano de vida, o menino não havia pronunciado uma única palavra através de seus lábios finos. E a infeliz mulher, atormentada pela angústia questionava-se se, talvez, seus vizinhos tinham razão, e se tinham razão também os amigos e conhecidos, que declaravam e repetiam na sua cara, que ela e somente ela era a culpada por toda aquela loucura, e que por toda a vida, seu filho querido seria mudo e até um idiota, já que forçaram essa pobre criança a falar a língua sagrada como se ela fosse a língua do dia a dia, a língua do cotidiano!

6

Não imaginem vocês que foi fácil para meu pai o caso que lhe aconteceu apenas algumas semanas depois que ele chegou à terra de seu futuro. Aquele foi um dia chuvoso com um vento muito forte que sacudia todos os habitantes da cidade. O consulado russo o instou a se dirigir ao escritório dos correios russos (naquela época havia muitos escritórios dos correios estrangeiros em Jerusalém) e o tradutor árabe lhe informou que ele havia recebido cem rublos de um de seus apoiadores em Moscou, e que só lhe daria o envelope, se ele assinasse no recibo com o mesmo nome que aparecia no envelope, ou seja, seu nome diaspórico, que ele havia substituído ainda em Paris pelo nome hebraico Ben-Yehuda. Saibam vocês que ele precisava daqueles cem rublos (cem *shekalim*) como o ar para respirar. Todo o seu salário então, como assistente de redação do humilde e pequeno jornal *Havatsalet* era o equivalente a quatro *shekalim* (riam, sim! Riam se quiserem!) e com esses quatro *shekalim* ele precisava sustentar a si mesmo, a sua esposa e filho. Vocês podem imaginar então o tamanho de sua heroica decisão, quando ficou determinado a voltar do escritório dos correios da mesma forma como tinha chegado, e sem assinar seu nome russo e sem receber o dinheiro que ele tanto precisava? Ao entrar em seu humilde apartamento, encontrou sua família faminta, porém ansiosa, para a qual ele se dirigiu com orgulho dizendo lhes:

- Eu escolhi voltar para vocês tão pobre como ontem e de mãos vazias, mas leal à minha nação como o Judas Macabeu desta geração.

7

Não tenho como filho, como detalhar os acontecimentos, fatos que serão narrados pelos historiadores a seu devido tempo. Desta vez minha intenção é a de me dirigir aos judeus e aos sionistas que, por uma razão ou outra, não visitaram ainda meu país, e não tornaram-se testemunhas oculares, como nós - seus filhos, dos milagres do renascimento de um povo em seu país. Para esses eu pretendo descrever aqui algumas cenas que poderão lhes mostrar alguns dos incidentes mais difíceis que ocorreram na vida do meu criativo e guerreiro pai, os quais tive o privilégio de vivenciar com ele, eu, seu filho mais velho.

O primeiro incidente.

De fato, evocarei hoje esse incidente como se o mesmo tivesse acontecido apenas ontem. Meu pai e eu cavalgávamos pelas ruas de Jerusalém nas costas de um burro infeliz, quando de repente, perto do portão da cidade próximo à rua Jafa, foi arremessada em nossa direção uma chuva de pedras. Felizmente, apenas uma das pedras atingiu o alvo, acertando minha perna direita. Então eu ergui minha voz e comecei a chorar. Esse lamento amargo, aparentemente provocou uma ação desejada sobre os atiradores, já que os mesmos se dispersaram para todas as direções, então nós corremos para casa sem muito esforço. Ao chegar, minha mãe me acolheu em seus braços amorosos e tentou me animar com suas palavras calorosas. Mas quando eu sorri em sua direção e perguntei-lhe - por que aquelas pessoas más jogaram pedras em nós - meu pai antecipou-se e respondeu em seu lugar:

- Isso é porque nós, meu filho, queremos ensiná-los a viver uma vida judaica cheia de orgulho. Saiba você, que os mestres de Israel, aqueles que se dedicaram a falar a verdade a seu povo, foram em sua maioria apedrejados, fosse ele um grande mestre como Moshé Rabenu (Moisés, nosso mestre), ou um famoso e brilhante rabino como Maimônides depois dele, ou alguém tão pequeno e simples quanto seu pai aqui, isso pouco importa a eles. O populacho permanecerá um populacho para sempre. Hoje você é apedrejado e amanhã espalharão flores a seus pés, por isso você deve ser íntegro até o fim.

E meu pai ria quando dizia essas coisas, e eu, por que eu não deveria confessar?, Todas aquelas palavras fugiam um pouco do meu nível de compreensão, mas aos olhos de minha mãe, que mencionou essas palavras muitas vezes até o dia em que morreu, os ditos do meu pai provocavam lágrimas em seus olhos, e quando eu percebia, corria para beijá-la com todas as minhas forças. E, no entanto, reconheço hoje que Mair, meu cãozinho que estava no quintal, isso em seu nome hebraico, chamava mais a minha atenção ao latir para mim do que todas aquelas falas intermináveis do meu pai.

8

O segundo incidente.

Recordo muito bem também este incidente. Muitas vezes meu pai (nessa época tinha nascido meu irmão) prometera a nós que em breve nos levaria com ele a Jafa, a cidade litorânea, e é fácil imaginar como ficávamos felizes por isso. E aconteceu que aquele dia, tão desejado, finalmente havia chegado. Assim, com o nascer do sol, uma carroça galopou em direção à nossa rua estreita. Meu irmão e eu rapidamente pulamos nela e impacientemente chamamos nosso pai para que se juntasse a nós imediatamente. Quando nosso pai finalmente atendeu ao nosso insistente pedido, estávamos os dois tão extasiados que não percebemos que apenas alguns momentos depois que a carroça se moveu puxada pelos velozes cavalos, algo tinha acontecido com nosso pai. A estrada sinuosa à nossa frente com suas muitas curvas e as luzes cintilantes nas várias aldeias à nossa direita e esquerda atraíam nossa atenção. E assim, as horas voaram até que, de repente, pela primeira vez na vida, se nos revelou aquela paisagem azul do Mediterrâneo, a respeito do qual nossa mãe sempre falava conosco. Oh, como ficamos zangados com os cavalos da nossa carroça, que se detiveram silenciosamente na estação de Sha'ar HaEmek, a meio caminho de Jafa. E assim apareceu a lua entre as nuvens, e uma noite silenciosa e fresca se abateu sobre nós, então o cocheiro apareceu na frente da carroça para ajudar nosso pai a descer. Enquanto isso, nós ficamos sentados em nossos assentos macios, obedecendo à ordem de nosso pai. Mas nesse momento, meu coração começou a bater forte ao perceber que um incidente infeliz se sucedia naquele instante. Aqueles minutos pareceram aos meus olhos como anos.

Então, desobedecendo à ordem do meu pai, pulei da carroça para procurá-lo.

- Onde você está? - Gritei em voz alta e angustiada.

E quando finalmente o encontrei, ele estava encostado a uma parede com a mão esquerda perto da boca da qual jorrava sangue constantemente. Apenas um ano tinha se passado do dia do "apedrejamento" em Jerusalém e, no entanto, eu tinha amadurecido o suficiente para entender de imediato a seriedade daquela situação. Com todas as minhas forças, apertei sua outra mão, a direita, e implorei diante dele, em minha ingenuidade, para que tentasse impedir que o sangue continuasse jorrando. Então meu pai voltou-se para mim, seus olhos estavam brilhantes, e seu rosto tão pálido como eu nunca tinha visto em minha vida, então ele começou a falar lentamente, mas com grande vigor, como sempre costumava fazer em momentos de grande excitação, e disse o seguinte:

- Estou morrendo, meu filho! E agora, não chore, porque teu irmãozinho está contigo, e você deve protegê-lo. Já pedi ao cocheiro que os leve direto para junto de sua mãe, e se, quando a carruagem chegar a Jafa eu não estiver mais vivo, então diga à sua bondosa mãe, que ela

esteve no meu pensamento até o fim e tenho certeza de que ela cumprirá a promessa que me fez ainda antes do nascimento de vocês, para educá-los como bons hebreus nesta terra, que foi antes e também será no futuro - seu país.

E essas palavras contidas, ocasionalmente rasgadas por esguichos de sangue em seu lenço já molhado, um menino de seis anos teria que dar à minha querida mãe, que estava gravemente doente numa das casas da cidade de Jafa, atingida por uma doença fatal, exausta e desde há muito tempo sabendo que seu fim estava próximo, apesar da imensidão daquele mar que ela tanto amava, e de seus olhos trêmulos que tanto ansiavam pela vida.

O que eu respondi, não posso me lembrar, assim como muitos dos meus sentimentos hoje em relação àqueles dias não os recordo, eles são parte das histórias de minha mãe e de meu pai. Do que me recordo é que chorei amargamente. Todo o meu corpo tremia e no meio da penumbra à minha volta, raposas regougavam nas montanhas. Então meu pai reuniu o restante de suas forças, seu sangue aparentemente tinha estancado, e com passos lentos, apoiando-se no braço do cocheiro, conduziu a mim e a meu irmão, que no ínterim tinha adormecida sobre um sofá. Subimos na carroça, sentamos, e ao som do chicote usado pelo cocheiro para apressar os cavalos ao longo da estrada que conduzia à planície, eu também acabei adormecendo.

9

Com o nascer do sol atrás de nós, ambos acordamos e nas primeiras horas de uma manhã clara apareceu à nossa frente a alegre imagem de Jafa, com sua beleza paradisíaca. Jafa com a fragrância de sua vegetação inebriante; Jafa com suas ruas estreitas, úmidas, e ao fundo as ondas do mar azul brilhante, um mar imenso e infinito. Oh, que bênção poder acariciá-lo e aplaudi-lo com alegria. Então ouvimos alguém perguntando:

- Então, vocês estão felizes, crianças? – perguntou aquela voz tão doce e animada. Aquela era a voz de meu pai. Seu rosto estava ainda pálido. Embora sua fadiga e fraqueza preponderassem, ainda assim ele parecia ter voltado ao mundo dos vivos, como se uma varinha mágica o tivesse tocado, enchendo-o de vida e vigor. E quando nossa carruagem chegou à entrada do apartamento onde minha mãe o esperava, esquecemo-nos das horas sombrias do dia anterior e pensamos apenas em nossa mãe, a qual enchemos de beijos, e no enorme mar que se estendia à nossa frente.

Oh, minha mãe, minha mãe, por que você não está viva conosco hoje? Por que você não conseguiu ver nosso pai enfraquecido, porém inteiro, trabalhando para alcançar o mesmo objetivo comum pelo qual você sacrificou seus melhores anos e lembranças, sucumbindo sob o sofrimento e as aflições?

Dois anos se passaram quando, um dia, enquanto brincava com meu irmão e minha irmã no pequeno e lindo jardim de nossa nova casa, ouvi novamente a voz de meu pai, a mesma voz contida e séria de sempre. Ele chamava a mim, seu primogênito, para que entrasse em seu quarto. E ao entrar no recinto, fiquei atordoado. Seu rosto estava branco como naquela noite a caminho de Jafa. Sem dizer uma palavra, ele segurou na minha mão e me conduziu até o quarto onde se encontrava minha mãe. A cama estava coberta por um lençol branco realçado apenas pela forma semelhante àquela de um corpo, e quando meu pai começou a falar com sua voz fraca, meu coração começou a bater com força. Então ele disse:

- Esta é sua mãe, meu filho, agora está tudo acabado! Ela não está mais conosco, ela está morta. Vá e abrace-a pela última vez, pois precisamos nos preparar para o funeral.

- Morta... Funeral...

Que estranhas são essas palavras!

Fiquei espantado, sem saber o que fazer. Eu fiz tudo o que meu pai me ordenara fazer. Em pouco tempo vieram os agentes funerários, com uma maca formada por duas varas entrelaçadas. Em instantes minha mãe foi erguida rudemente de sua cama e colocada na maca. Eu gritei, protestei, amaldiçoei. Eu queria que me devolvessem a minha mãe, mas meu pai tentou me silenciar e me instruiu a segui-lo.

Que sombrio foi aquele dia, sem um raio de sol e com o céu tão pesado coberto por nuvens escuras. As ruas também estavam quase desertas, e só aqui e ali, como que inadvertidamente, passava algum desconhecido, algum camponês árabe montado sobre uma mula ou alguma lojista, que passava pelas lojas bocejando sem rumo e sem interesse. Algumas pessoas ficaram de pé por alguns instantes, pronunciando rápidas orações, e eu recitei o *Kadish*, duas, três e até quatro vezes, mergulhado em lágrimas. Nenhum amigo nos acompanhou nesse caminho, nenhum parente apareceu, a única exceção foi o diretor da escola, um ferrenho defensor da luta amarga do meu pai, mas nem um funeral foi realizado em sua homenagem. Sozinhos, nós três estávamos sozinhos, parecíamos sombras atrás do caixão da minha mãe a caminho do cemitério, ao longo da estrada que se estendia pelo Vale do Cedron. Só aqui e ali, algum árabe muçulmano ou cristão que a conhecia, juntava-se a nós, por alguns passos, ao cortejo fúnebre. E quando chegamos ao topo da montanha, um quarto homem desconhecido juntou-se a nós, eu não o conhecia e não sei nem sua identidade nem seu nome. Era um homem alto e magro, envolto num terno preto e seu olhar dirigia-se sempre para baixo.

De repente, enquanto circundávamos a muralha da cidade e o Monte das Oliveiras com seus milhares de lápides aparecerem aos nossos olhos, nos deparamos com uma multidão hostil guiada que um rabino *ashkenazita* muito alto e magro. O rabino correu em nossa direção e

exigiu que os agentes funerários interrompessem o cortejo, já que ele tinha sido enviado por sua comunidade, segundo ele, para impedir o sepultamento de minha mãe dentro do cemitério do Monte das Oliveiras. Aquele momento foi terrível. Sem piedade alguma, o corpo da minha mãe foi empurrado para o chão. Na presença dos agentes funerários atônitos, meu pai não sabia o que fazer diante daquele momento constrangedor. Mas ele logo se recuperou e, com um olhar desdenhoso para a multidão ensandecida, exclamou:

- Bem, então, daqui a pouco eu estarei aqui de volta!

Meu pai correu para a cidade, e eu me recolhi junto ao corpo da minha mãe enquanto o diretor da escola e o homem desconhecido se posicionaram espremidos entre a multidão e nós. Logo meu pai voltou e com ele havia um grupo de agentes funerários *sefarditas*, descendentes daqueles bons judeus espanhóis que foram expulsos da Espanha, e cujos modos e opiniões religiosas era acolhedoras e condescendentes em relação aos outros judeus da diáspora. Foram esses judeus espanhóis que, apesar de toda a raiva que sentiam de meu pai por sua luta contra o fanatismo religioso em Jerusalém, nunca se negaram a vê-lo como um deles em todas as festas e cerimônias, e cujo rabino chefe, aceitou ser meu padrinho, no dia da minha cerimônia de circuncisão. Assim, quando os agentes funerários *ashkenazitas* se encontraram com os agentes *sefarditas*, por ordem do rabino eles se atracaram à plena luz do dia pelo corpo de minha querida mãe, que até então se estendia sobre aquela terra desolada.

- Que o sol que repousa sobre o Monte das Oliveiras, pare – gritou um dos agentes funerários *sefarditas*.

Nesse instante e como que por um toque de magia, todos se detiveram. O rabino retirou-se ferido daquela batalha, e os agentes funerários *ashkenazitas* seguraram o corpo da minha mãe e o carregaram sobre os ombros. O rabino tentou em vão incitá-los à distância novamente a uma resistência renovada. Os agentes recusaram-se a ouvir suas palavras, e desse modo, minha mãe foi levada para o Monte das Oliveiras para seu descanso eterno.

11

Assim morreu uma mãe em Israel, mulher que foi a *Sion* para compartilhar com seu marido do trabalho pela ressurreição do povo em sua terra e de sua língua. Ali ela passou dez anos de pobreza e dor, dez anos de prantos, de desespero e de decepção que apressaram o dia de sua morte, e assim, a primeira mulher hebreia não alcançou a ver com seus próprios olhos a aurora da liberdade e nem ouvir com seus próprios ouvidos a chegada dos tempos do Messias. Essas foram também as reflexões que tomaram conta de minha mente no processo de súbito amadurecimento pelo qual passei após sua morte, enquanto descíamos juntos do Monte das Oliveiras, o diretor da escola, o homem desconhecido, meu pai e eu, e nos aproximávamos do

Monte do Templo. Meu coração estava desolado, meu espírito estava sombrio e todos andávamos em absoluto silêncio. Então meu pai dirigiu-se a mim, dizendo:

- Não fique triste, meu filho, sua mãe cumpriu sua missão, ela realizou todo o seu dever. Se nós também continuarmos a cumprir o nosso papel, se fizermos também tudo o que nos compete, então chegará o dia em que uma bela lápide de pedra, extraída do próprio Monte das Oliveiras, será colocada sobre o túmulo da sua mãe, lápide essa que contará para as futuras gerações a história mágica e lendária da segunda Deborah da história do nosso povo.

Naquele instante, o céu cobriu-se de milhares de tons esculpidos, como se o horizonte estivesse submerso em um mar de um fogo lendário. À nossa frente estava a carroça com seus cavalos cansados que lutavam para subir a ladeira íngreme rumo à nossa casa. Enquanto isso, concentrei-me nas últimas palavras que meu pai me dissera: “Uma lápide que contará para as futuras gerações a história mágica e lendária da segunda Deborah da história do nosso povo”. Então eu sussurrei:

- Deus, meu Deus, lembra dos meus votos naquela hora? Se ao menos eu pudesse, concretizá-los!.

12

Depois de muita hesitação e após consultar seus poucos amigos, meu pai decidiu acatar a determinação de sua falecida esposa, que no testamento lhe ordenava a se casar com sua irmã mais nova, para torná-la assim, uma segunda mãe para seus filhos. Aqueles foram também dias de intensos debates entre ele e seus conhecidos sobre as disputas que opunham em campos distintos as diferentes comunidades de Jerusalém. Desde a manhã cedo até a noite, meu pai mencionava as histórias dos nossos ancestrais durante o período dos Macabeus. Em seu jornal semanal ele expunha seu acalorado discurso diante deles em artigos exemplares e encorajadores. E quando chegou a festa de *Hanucah* às portas da cidade, meu pai editou um envolvente artigo, publicado na edição especial para aquele feriado, onde expressava a proximidade dos dias de uma verdadeira guerra santa pela redenção do povo, da língua e da nossa terra.

Saiba a atual geração que para vergonha e desonra do nosso país naquela época, que imediatamente após a publicação dessa exaltada profecia, um número considerável de rabinos *ashkenazitas* e também *sefarditas* denunciaram meu pai às autoridades como um traidor. Eu não me encontrava em casa naquele dia, pois estava de visita na casa dos meus avós. Mas no dia seguinte, por volta do meio-dia, enquanto voltava para casa apreciando o frescor do início do inverno de Jerusalém, eu me vi cercado de repente por uma grande multidão, formada

majoritariamente por mulheres e crianças *ashkenazitas*, que começaram a dançar e a cantarolar nos meus ouvidos a melodia já conhecida no jargão:

- Viva! Viva! Viva! Ben-Yehuda foi levado para a prisão⁵!

E como se isso não bastasse, aquela cruel multidão me arrastou com eles por mais de meia hora, cercando-me e atormentando-me, a mim, um menino pequeno que não sabia quem eles eram e por quê eles estavam zombando de mim. Apesar dos meus gritos de cortar o coração, somente consegui sair de lá graças à milagrosa intervenção de um amigo *sefardita* que justamente naquela hora passou por nós e me ouviu pedir socorro. Ele me resgatou daquele círculo ensandecido que, por sua vez, continuou sua dança selvagem e sua cantoria sem limites e sem fim exclamando:

- Viva! Viva! Viva! Ben-Yehuda foi levado para a prisão!

13

Quando atravessamos o portão do jardim de casa encontramos, meu amigo *sefardita* e eu, minha tia, que agora era minha segunda mãe, vindo em nossa direção com a face tomada por lágrimas e que nos disse:

- Vamos para a prisão imediatamente!

Foi assim que ela falou comigo, e enquanto eu tentava entender o que tinha ocorrido totalmente espantado, ela começou a contar como os policiais chegaram em casa à noite, como eles aterrorizaram meu pai tirando-o da cama aos berros, como eles confiscaram seus escritos revolucionários à luz de suas lanternas, e finalmente, como o agarraram pelos ombros e o deslizaram para fora de casa na escuridão. Ela ainda me disse:

- Se você o tivesse visto, meu filho - ela acrescentou – a força de espírito de seu pai, ele parecia bonito e altivo mesmo nesses momentos de pânico, e seu único pedido para mim foi que fossemos para a prisão o mais rápido possível, a fim de poder se confortar em nossa companhia.

A prisão estava localizada no coração da Cidade Velha, cercada por ruas estreitas e sinuosas, na parte árabe de Jerusalém e próxima ao Portão de Damasco, sendo assim, nossa carruagem não poderia alcançá-la. Tivemos, portanto, de avançar a pé pelas ruas estreitas e apinhadas de casas e de lojinhas. No caminho encontramos ainda, uma multidão de árabes, de beduínos conduzindo seus bezerros, de camponesas árabes com seus filhos nos ombros e seus

⁵ Em 28 de novembro de 1893, Ben-Yehuda foi preso pelas autoridades turcas que o acusaram de traição contra o domínio otomano. Ele tinha sido denunciado pelos integrantes do *Ishuv* que combatiam seu labor político e suas ideias, vistas por eles como uma heresia. Em 12 de dezembro do mesmo ano, ele foi excomungado pelos rabinos *ashkenazitas* e *sefarditas* de Jerusalém. Ben-Yehuda foi inocentado em 02 de março de 1894 pelo tribunal otomano sediado em Beirute.

bebês nas costas, e judeus das diferentes comunidades, burros e camelos caminhando com seus sinos pendurados, oficiais turcos armados montados em seus cavalos ou a pé, enfim, uma multidão desorganizada e caótica num frenético movimento rumo ao Leste ao som do *muezin*, porque o meio-dia estava próximo. Nesse fluxo de assobios e gritos, minha madrasta e eu tivemos que fazer nosso doloroso caminho adiante. A Via Dolorosa apareceu lentamente perante minha tia que a percorreu chorando. E como eu não entendia suas palavras, já que falava em sua língua da Europa, ela se esforçou para traduzi-las dizendo-me:

- Esta é a via do tormento, mas certamente, também, o caminho para a vitória!

E essas palavras ficaram gravadas na minha memória até os dias de hoje.

14

Quando chegamos ao distrito policial, um soldado que nós conhecíamos conduziu-nos para a cela do meu pai. Quão horrível foi a visão revelada aos nossos olhos do meio do pátio interior. O quarto onde meu pai estava preso não era uma cela como havíamos imaginado no início. Na verdade, era uma espécie de estábulo grande e escuro, trancado por uma porta de ferro, dentro as paredes estavam cobertas de panos, com uma escotilha na lateral. E ali apareceu um homem que imediatamente se destacou na escuridão, com o rosto pálido, os olhos profundos e seus dedos colados por algemas de ferro que não deixavam qualquer espaço para ele movimentar as mãos.

- Oh, aproximem-se já! - Ouvimos a voz suplicante do meu pai.

Eu quase voei para cima dele de tantas saudades, o meu desejo era de querer dobrar minhas forças por cem a fim de quebrar a maldita porta que se colocava entre mim e ele. Mas foi tudo em vão, logo percebi que não podia fazer nada, apenas consegui passar meus lábios quentes pelas mãos do meu pai, até mesmo entregar a ele o pão branco que trouxera comigo. Aquela tinha sido a primeira fatia que ele via naquele dia depois de dez horas de prisão. Após o sinal combinado entre o policial que nos conduziu e minha madrasta, despedimo-nos de meu pai cerca de dez minutos depois, deixando-o na companhia dos outros prisioneiros, cerca de vinte assaltantes amarrados com correntes de ferro, que o insultaram a noite toda e continuaram a provocá-lo durante nossa visita, mesmo diante da oferta que meu pai lhes fez, de dividir com eles, a comida que o policial lhe entregou num cesto especial, de acordo com uma ordem superior.

A prisão do meu pai naquele lugar durou um mês. Graças ao esforço de seu amigo, que era o diretor da escola onde eu estudava, meu pai foi transferido daquele estábulo escuro para uma cela mais confortável, a cela do vigia noturno. Para mim, aquele foi o mês mais sombrio da minha vida. Como na época era muito jovem, eu não conseguia entender por que meu pai

não continuava sentado ao lado de sua mesa e livros como costumava fazer sempre, e por que não prosseguia escrevendo seu grande dicionário e aqueles exaltados artigos em seu jornal semanal. Eu não sabia, então, ainda, que os judeus eram capazes de torturar ao extremo, e de se entregar às calúnias, e que essa parte nebulosa de denúncias e imputações maliciosas enchem as crônicas e muitas páginas, desde o início da consolidação dos judeus como povo até os nossos dias.

15

Se não bastassem todas as penúrias, eis que um novo desastre se abateu sobre meu pai. Embora ele tenha deixado a prisão, retornando à sua mesa de trabalho mais uma vez, e aqueles seus irmãos de Jerusalém que o entregaram à polícia tenham sido os mesmos que se empenharam em libertá-lo após sofrerem enorme pressão para que assim agissem, por parte dos judeus europeus, em especial o esforço do "grande benfeitor" à frente deles⁶. Essa foi a primeira vez na história hebraica em que a diáspora se mobilizou em peso, a fim de reparar uma injustiça cometida na Terra de Israel, quando saiu em defesa de Ben-Yehuda e de suas ideias a favor da liberdade. Em nossa casa, alguns amigos reuniram-se para comemorar sua libertação (a sentença de meu pai de passar quinze anos na prisão de Acre realizando trabalhos forçados foi substituída por ordem do Supremo Tribunal de Beirute, para um ano de suspensão da publicação de seu jornal), já que a expectativa para essa comemoração fora muito aguardada. Mas enquanto meu pai se preparava para desfrutar de sua vitória, sua filhinha, uma menina preciosa e fofa, fruto de seu casamento com minha segunda mãe, morreu repentinamente, após uma curta doença. A notícia de sua morte chocou toda a família, pois de fato essa criança simbolizava, aos nossos olhos, o sonho de uma menina hebreia em toda a sua beleza futura, e todos nós vimos nela uma flor, simbolizando as belas filhas de Sion. Oh, como ela estava linda deitada em sua cama, com suas pálpebras negras que se fecharam para sempre, com seus lábios finos e pálidos que encantavam com seu sorriso inocente, mas agora, ela parecia uma princesa oriental adormecida para a eternidade.

Lá fora tinha chegado a primavera e o céu resplandecia numa tonalidade azulada. Por acaso, poderia uma mãe, em virtude de sua tristeza, abster-se de ir até o jardim para colher flores a fim de espalhá-las sobre o corpo de sua filha morta? Mas na Jerusalém daqueles dias distantes, o fanatismo prevalecia em toda a sua força e poder, e a maioria do povo (refiro-me,

⁶ O grande benfeitor citado aqui foi o filantropo judeu francês, o Barão Edmond James de Rothschild que intercedeu pessoalmente pela libertação de Ben-Yeuda da prisão turca.

é claro, aos moradores judeus da cidade) viu aquelas flores colocadas sobre o corpo da morta como um insuportável sacrilégio!

- Que profanação terrível! Que pecado criminoso! – gritaram alguns.

Os transeuntes que passavam diante de nossa casa pareciam furiosos e seus punhos se erguiam com raiva.

- A morta não será sepultada junto às outras sepulturas judias - advertiram os agentes funerários ao chegarem em casa.

E novamente a questão do sepultamento permaneceu como naquele dia, o dia em que minha mãe foi enterrada. E novamente começou uma briga perto do corpo da falecida. Então meu pai saiu da cozinha carregando uma enxada sobre o ombro que frequentemente usava para cavar os canteiros. Todos olharam para ele e exclamaram: - será que ele ficou louco? - Mas o homem de espírito de ferro era o mesmo que não hesitava em tomar decisões nos momentos mais doloridos. Em vão seus amigos tentaram dissuadi-lo, quando sua intenção foi por eles compreendida. Em vão os agentes funerários e as pessoas que ali estavam reunidas tentaram detê-lo:

- Se vocês não levarem minha filhinha ao Monte das Oliveiras e a sepultarem ao lado de minha esposa Dvora, então eu mesmo cavarei uma cova neste jardim, onde ela será sepultada junto com estas flores!

Então lágrimas foram vistas até mesmo nos olhos dos mais exaltados ali reunidos. Nesse momento a multidão dispersou-se, e sem mais confusão ou delongas, nossa linda princesinha foi conduzida até o Monte das Oliveiras, e atrás do seu caixão seguiu um cortejo unido nunca antes visto na Jerusalém que ganhava então uma nova vida.

16

Finalmente chegou o dia em que meu pai conseguiu ver seu sonho concretizado, o sonho de toda a sua vida se realizando plenamente. Embora nenhum editor de Jerusalém tenha compreendido a importância e a magnitude do valor do seu dicionário, essa tarefa coube a alguns alemães - judeus e cristãos - que se encarregaram de arrecadar os fundos necessários para a publicação de tamanha obra, e se não fosse por eles, sua obra haveria de permanecer enterrada em seus arquivos. Imaginem sua profunda felicidade, quando chegou à Terra de Israel enviado pela editora alemã em Berlim, o primeiro volume do dicionário, fruto de muitos anos de trabalho, numa impressão impecável e numa capa tão elegante. A obra colossal que estava destinada a erguer a base do renascimento da língua foi aumentando ano a ano. Dessa forma, ao primeiro volume somou-se o segundo, o terceiro volume, o quarto...

Assim, coincidindo com a publicação do quarto volume do dicionário, aconteceu o que tinha de acontecer, ou seja, um novo incidente - o sétimo? O décimo? Esse novo incidente turvou a vida de meu pai mais uma vez, ferindo-o novamente de forma atroz. Eis aqui como tudo aconteceu:

Os judeus alemães, membros do Comitê Editorial responsável pela publicação do dicionário, eram, em sua maioria, súditos do imperador Guilherme II. Atendendo a um pedido de seu monarca, decidiram germanizar as escolas que possuíam na Terra de Israel. Os sionistas se opuseram a isso e uma ordem foi dada a todos os professores do país a favor da defesa da nossa língua contra o ataque dos judeus "de fé mosaica". Então os membros do comitê decidiram usar Ben-Yehuda a seu favor, para benefício de seus interesses, e uma carta lhe foi enviada na qual esses membros expressavam a esperança de vê-lo afastado da posição dos professores rebeldes nas escolas. Essa carta polida era, na verdade, um aviso, meu pai entendeu sua intenção imediatamente após o recebimento, e se ele não atendesse ao pedido dos editores, então - ai dele e de seu dicionário também! Na mesma noite em que meu pai recebeu a carta, o diretor das escolas mantidas pela organização *Ezrá* em nosso país, um diligente e astuto morador de Jerusalém, convidou Ben-Yehuda à sua casa e lá, na presença de testemunhas, o fez jurar que ele não largaria mão da maior obra de sua vida: o grande dicionário! Então o honorável homem lhe disse:

- Como o senhor deve saber - explicou-lhe em linguagem persuasiva - a Alemanha está conquistando o mundo inteiro e quem será capaz de enfrentá-la? A Palestina está entrando no círculo de países sob sua influência. Por que, então, deveríamos nós ir contra isso? Até mesmo o próprio Herzl estabeleceu uma aliança com o imperador, uma aliança germano-hebraica - essa é a única forma de redimir o nosso povo. Não se deixe enganar, Ben-Yehuda. O senhor deve considerar sua decisão com calma, porque seu destino pessoal também depende disso.

Meu pai entendeu tudo. Ele sabia com certeza que, se não concordasse em se render à sugestão daquele distinto senhor, o trabalho de sua vida seria interrompido. Ele sabia que, se decidisse declarar guerra aos judeus alemães, isso também poderia representar o fim dos volumes que já haviam sido publicados. Meu pai ficou transtornado, mas para o diretor da instituição alemã (aquele homem era mesmo nativo de Jerusalém) manipular Ben-Yehuda era apenas um meio para alcançar o fim, e não o fim em si mesmo. O que aquele homem sequer em sonhos poderia imaginar, foi que o próprio Ben-Yehuda era quem havia dado o sinal para a rebelião, e a terra de Israel inteira mobilizou-se imediatamente depois do sinal ter sido dado.

Toda a geração jovem, incluindo ai professores e alunos, que lutavam pelo renascimento da língua e também da sua pátria, aos milhares, saíram ao seu encontro e o conclamaram a ficar

à frente deles. Aquele movimento representava a voz com a qual sonhara, e pela qual rezara. E agora que ele chegava a ver a forte mobilização de seu povo, agora ele haveria de recuar? Seria agora que todo aquele empreendimento pelo qual trabalhou tão arduamente e pelo qual Dvora, sua primeira esposa, sacrificou sua vida, seria deixado de lado? Tinha chegado a hora de ponderar: de um lado encontrava-se o seu dicionário, a obra de toda sua vida, porém aquilo não passava de um amontoado de folhas e mais folhas. Do outro lado estava a vitória do estabelecimento do hebraico como língua nacional, sem a qual todo o empreendimento erguido até então ficaria sem sua alma. Pois então, a escolha era muito clara!. Não havia nada a escolher, não havia duas alternativas e Ben-Yehuda inclinou-se pela alma do povo em Eretz Israel.

17

Oh, aqueles dias foram muito gloriosos - os dias da "Revolução Hebraica" que provou ao mundo inteiro que não estávamos sonhando apenas um sonho, pois nós estávamos novamente na terra dos nossos ancestrais. Ainda não tinham se passado cinco anos desde então, e eles já apareciam erguidos em nosso horizonte como mais um capítulo orgulhoso de nossas vidas renovadas. Diariamente meu pai os via passar por ele, milhares de meninos e meninas, as legiões dos novos Macabeus. Quão agradáveis lhe eram aqueles sons e melodias pronunciados pelos novos hebreus em todos os cantos da nossa terra, o grande sonho dos melhores hebreus, desde a geração de Bar Cochvá à geração de Ben-Yehuda estavam, finalmente tornando-se realidade nas montanhas de Israel! Quão longe estavam agora as recordações dos vales gelados da Lituânia e os palácios da alegre Paris, as tamareiras da Argélia, o Danúbio e a Viena imperial - todas aquelas cidades e países nos quais ele viveu e estudou. Todas aquelas imagens eram agora apenas recordações. Na sua frente encontrava-se a glória de Jerusalém com suas numerosas montanhas, agora ele podia saborear o vinho do heroísmo e da vitória, já que seu belo sonho tornara-se realidade, e a língua falada apenas por seu filho "idiota", estava agora nas bocas de todos os seus irmãos na terra de Sion.

18

E o último incidente? Ele se encontra tão próximo de nós que está apenas no início. Não sou mais uma criança, sou agora um dos vibrantes jovens da renascida Judéia, e nos novos combates travados por meu pai — guerras que surgiram de condições inteiramente diferentes, eu sempre o apoiei naquelas horas difíceis e sempre estive e estarei ao seu lado a qualquer momento. Nós, os jovens, membros da segunda geração do renascimento do hebraico, nós que vimos a vitória de nossa língua com nossos próprios olhos, uma vitória tão absoluta, que já nos faz acreditar na proximidade dos tempos do Messias, não pudemos aceitar as mudanças repentinas que ocorreram entre nós na esteira da Guerra Mundial. Com a eclosão do conflito,

os dias de diversão desapareceram de nossas vidas. Num instante, nossa fé e entusiasmo também se esvaíram. Com a eclosão do conflito⁷ um terrível temor atacou nossos corações e desde então nos perguntamos, se a tempestade europeia que subitamente abateu-se também no nosso céu não iria causar estragos e destruição em tudo o que construímos durante os últimos trinta anos. Qual será o nosso caminho no futuro próximo? A qual dos dois campos em conflito os judeus serão forçados a se juntar? Eles estarão dispostos a ceder à tirania do Império Otomano, que tem combatido com pulso firme tudo o que é hebraico entre o Rio Eufrates e o Mar Mediterrâneo, provando a todos sua oposição a nós às vésperas de seu ingresso no incendiário conflito geral, com a perseguição dos nossos por seus cruéis funcionários em nosso país.

Meu pai andava pelas ruas de Jerusalém de um lado a outro com um pensamento firme naqueles dias, e devido a suas conversas com muitas pessoas, conhecidas e nem tanto, a essência de seu posicionamento político foi revelada e a suspeita das autoridades turcas começou a pairar sobre sua cabeça. De fato, meu pai almejava, assim que fossem dados os primeiros tiros, deixar sua cidade, sua querida Jerusalém por apenas alguns meses, a fim de alertar seus irmãos na diáspora, da grande calamidade que representava para a terra de Israel permanecer sob seus opressores: os turcos, os austríacos e os alemães. Oh, o que ele não daria naqueles momentos para anunciar às pequenas nações que lutavam pela liberdade, que o povo de Israel estava nessa luta a seu lado!.

Três vezes ele foi até Jafa e nas três ocasiões foi detido e devolvido à sua casa quando em seu certificado de identidade foi escrito em letras vermelhas que ele "é perigoso e não deve sair para fora do país". Por três vezes ele viu os navios estadunidenses atracados nas águas do velho porto e depois sumindo no horizonte como enormes andorinhas. Seu jornal, que era meu também na época, pois nesse meio termo eu havia crescido e me tornado um combatente movido pelos mesmos ideais do meu pai, o governo turco decidiu fechar definitivamente. Na terceira tentativa meu pai já havia descido a um bote, sentindo as ondas do mar se aproximando de seu rosto, mas o navio partiu desaparecendo na imensidão, deixando-o para trás. Vocês conseguem imaginar seus pesadelos à noite em sua cama? O que poderia acontecer se ele tivesse sido pego, se tivesse sido preso, ou até mesmo, exilado para a Anatólia? Definitivamente ele não estava pensando em si mesmo, nem temia a morte sequer por um instante. Todas as suas preocupações, todos os seus pensamentos estavam dirigidos a uma única direção, para o estrangeiro, do qual poderia vir a esperança, a salvação e a redenção. Somente ele, por ser uma

⁷ Refere-se ao início da Primeira Guerra Mundial em 28 de julho de 1914.

pessoa reconhecida pela sua luta, seria capaz de influenciar os cétricos e forçá-los a ficar do lado certo das potências em conflito!

19

E num dia claro sabem vocês o que aconteceu? Com a proximidade do som das armas inglesas lançando bombas sobre as montanhas de Jerusalém, o comandante da cidade - um poderoso oficial turco de alta patente - informou a meu pai que, por decisão do Quartel-General turco sediado em Damasco, tinha sido emitida a ordem de exilar meu pai para Sivas, uma tenebrosa prisão má afamada na região central da Anatólia turca. Diante dessa ordem, seu conselho, portanto, foi de que Ben-Yehuda embarcasse de imediato num pequeno navio de carga grego, rumo a Alexandria, no Egito. As asas dos anjos bateram forte e eles perguntaram: - Haverá Ben-Yehuda de escapar desta vez, ou cairá como aconteceu com centenas de seus discípulos e amigos que foram abatidos tentando fugir em longas travessias a caminho da diáspora? Ele também cairá ou não poderá retornar mais à sua terra?

Mas novamente a sorte lhe sorriu. O último navio grego, navio de um povo tão sofrido quanto o seu, atravessou o porto de Jafa conduzindo-o até as margens do Rio Nilo, e daí até a América, terra amante da liberdade. Não perguntem de que forma ele conseguiu sair de Jerusalém, nem mesmo quem o ajudou a embarcar naquele navio. Após aproximadamente um mês, esse navio atracou no porto de Nova York conduzindo Ben-Yehuda com sua segunda esposa e também seu filho mais velho, o "idiota", assim como o resto de sua família. Aquele, definitivamente, foi o dia da redenção! Parte de Jerusalém ouviu as novas e vibrou!

20

Haverei de contar mais?

Haverei de descrever o sofrimento de meu pai nos primeiros anos de seu terrível exílio? Descreverei todas as suas decepções diante das derrotas das potências amigas, com as infundáveis vitórias dos alemães, as más notícias de Sion e o esvair de suas forças, da sabedoria, e da fé? Aqueles foram quatro anos de medos, de choques, de desintegração, de decepções. Mas, repentinamente, Verdun⁸ foi capturada novamente. De repente, Clemenceau⁹ salvou a França. O Oriente Médio foi libertado do jugo do Império Turco e a Polônia se autoproclamou um estado livre, a Finlândia tentou se livrar do jugo russo; a Armênia quer ser livre. E a Ucrânia

⁸ Verdun é uma cidade no nordeste da França. Nessa cidade ocorreu a batalha de Verdun travada em 1916, na qual a França conseguiu superar a ofensiva alemã, dirigida pelo general alemão Erich von Falkenhayn. Os combates tiveram lugar junto ao Rio Meuse e o exército francês, comandado pelo general Philippe Pétain, perdeu 400 mil homens. Calcula-se que mais de 700 mil soldados pereceram nessa batalha que durou por volta de dez meses.

⁹ Georges Clemenceau – Primeiro Ministro da França entre 1917 e 1920. Foi um dos principais autores da conferência de paz de Paris, que resultou no tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919, marcando a derrota alemã e turca na Primeira Guerra Mundial.

- quem poderia acreditar? - E a Tchecoslováquia, até mesmo a Lituânia – a pequena Lituânia, dos dias distantes da infância de Ben-Yehuda, - levantando a cabeça! A Estônia e a Letônia, a Sérvia e também a Albânia, todas as nações emergindo no horizonte. Apenas Judá esperará em vão, e Jerusalém, somente ela não conhecerá a liberdade? E eis que Aaron Aaronsohn¹⁰ de Zihron Yaacov apareceu em cena, e graças a ele o General Allenby capturou a cidade de Beer Sheva; e depois dessa captura foi emitida a declaração Balfour destinada ao povo hebreu em nome das poderosas potências do mundo, e somente nelas Ben-Yehuda acreditava.

Ah, irmãos! Vocês judeus que estão na vasta América - vocês que estiveram na companhia de meu pai pelo menos duas vezes – para todos nós chegou o dia dois de novembro de 1917, dia no qual foi anunciada a nossa libertação vinda desde Londres, e de repente nos tornamos iguais aos outros povos do mundo, e no dia 10 de dezembro o mundo judaico vibrou diante da notícia da conquista de Jerusalém pelas forças inglesas, os ingleses junto com as legiões dos hebreus. Naquela época, enquanto todos celebravam, meu pai encontrava-se em solo estrangeiro, tão longe de sua terra, sacrificando tudo, embora milhares de judeus comemorassem alegremente seu sexagésimo aniversário reconhecendo sua contribuição, assim como a de sua família e de seu dicionário para nosso renascimento nacional. E desde aqui, nesta terra distante, se vocês o tivessem visto, meu pai, o pai da nossa língua renascida e vencedora, parecendo um jovem, quase um menino no início de sua vida com um enorme desejo de voltar à sua terra - uma seria a pergunta a ser feita:

- Chegará a nós, desde o Oriente, a pomba da paz e trará consigo, em suas asas, a mensagem da libertação de Judá?

Estou seguro que sim!

Nova York, no ano seguinte à Declaração Balfour (1918)

b) Do sonho à realidade

A primeira viagem

A pomba da paz, a pomba da liberdade, efetivamente veio, e a Terra de Israel que por muitas gerações foi apenas um território dominado por muitos povos estrangeiros, foi finalmente declarada o lar nacional do povo hebreu. O sonho do passado tornou-se realidade na prática; a lenda tornou-se realidade, quando um povo disperso foi reunido novamente em sua

¹⁰ Aaron Aaronsohn foi um cientista judeu nascido na Romênia em 1876 que chegou à Palestina em 1882. Ficou conhecido por seu papel como fundador e líder do *Nili*, um grupo judeu de espionagem que trabalhou para o Reino Unido durante a Primeira Guerra Mundial. Graças às informações fornecidas pelo *Nili* ao exército britânico, o general Edmond Allenby, conduziu um ataque de surpresa à Beer Sheva, contornando as poderosas defesas turcas de Gaza. Com isso, a conquista da Palestina pelos ingleses aconteceu em dezembro de 1917.

terra. O que Ben-Yehuda profetizou em Paris, o que Herzl proclamou no auge de sua ação, tornou-se realidade, um pesadelo de dois mil anos passou e chegou ao fim.

Quem não viu meu pai no dia seguinte ao armistício a caminho da representação diplomática britânica em Washington, demandando que se lhe permitisse viajar à Palestina - nunca viu um homem mais feliz na vida. Quando ele recebeu essa permissão, parecia como se tivesse rejuvenescido cerca de vinte anos, ele se assemelhava a um homem jovem de quarenta anos no máximo, um homem alegre e jovial, e seu primogênito, que nesse ínterim tinha crescido e se desenvolvido um pouco, apesar de sua condição de "idiota", parecia mais um irmão de Ben-Yehuda, em disposição e esperança no futuro. As pessoas que o conheciam indagavam:

- É este o nosso mestre, o homem magricela e doente, cujos médicos o condenaram à morte há cerca de trinta anos atrás em Paris e também em Jerusalém? - E onde se encontram todos aqueles que tanto o desprezaram, que lhe impuseram a excomunhão e até o levaram à prisão, movidos pelo fanatismo cego? Onde será que todos eles foram parar?

Era preciso vê-lo no último dia de seu longo exílio em Nova York, com sua passagem no bolso - a primeira viagem rumo à Palestina dominada pelos ingleses! Ele quase morreu naquele dia de tanta felicidade, e sabem o que aconteceu? Enquanto Ben-Yehuda esperava para embarcar, aproximou-se um cavalo pesado galopando, e o atingiu no cais movimentado do porto derrubando-o sobre uma pilha de algodão, e para sua sorte, sua vida foi salva mais uma vez.

c) Na tempestade da vida

Uma forte tempestade atingiu o porto naquele dia fazendo com que a maioria dos navios tivesse que adiar a viagem para o dia seguinte. E no dia seguinte, apenas nosso navio, um navio italiano, preparou-se para zarpar. Meu pai sofria enormemente com os movimentos do mar e suas consequências. Sua viagem à América no início da guerra mundial tinha sido um grande horror para ele, e o pensamento de ter que retornar ao mar voltaram a deixá-lo trêmulo e apavorado. Imaginem vocês então seus sentimentos ao ver o mar revoltado numa enorme tempestade.

- Esta viagem será muito ruim - sussurrou ele para sua família, assim como para seus muitos amigos, que foram acompanhá-lo em sua partida rumo a Sion.

Alguns até sugeriram-lhe - Fique, pois, aqui!

Mas o convicto homem ergueu sua cabeça avermelhada, exclamando a seguir:

- Nem mais um dia da minha vida ficarei no exílio às custas do meu país!

É possível que em várias ocasiões, estando ele no meio do oceano turbulento, tenha se arrependido de sua decisão de deixar o porto de Nova York. Ele tinha sofrido tanto naqueles dias que o médico do navio chegou a temer por sua morte. Sua esposa e seus filhos ficaram também temerosos diante do que poderia lhe acontecer. Seu rosto normalmente parecia na ocasião um monte de cal. Em algumas ocasiões, alguns de nós chegamos a exclamar:

- Que loucura, Deus, que loucura todos nós fizemos ao permitir que esta viagem acontecesse. Será que nem mesmo poderemos levar seu corpo até a Terra de Israel, e os marinheiros o lançarão ao mar?

Foi assim que nós, seus parentes, suspiramos num amargo desespero. Mas os olhos do meu pai brilhavam e o médico pode finalmente anunciar para felicidade de todos:

- O perigo passou, acho, e se o mar se acalmar ele chegará em paz ao destino.

- Eu não vou morrer – disse então Ben-Yehuda com o vigor que lhe era característico - eu não vou morrer, porque não posso morrer!

E para o espanto de todos, ele se levantou da cama da cabine e naquela noite já estava sentado à mesa do jantar.

d) Sion, Sion

De longe já era possível vislumbrar Gibraltar com seus enormes rochedos, e os lobos marinhos deslizando em suas ondas azuis, enquanto do outro lado se elevavam, tal como os montes de Moabe ao outro lado do Jordão - as Montanhas do Rife¹¹ em sua tonalidade arroxeada. Dois dias depois apareceu a ilha da Sicília, com suas planícies verdes e pomares de laranjas tais como podem ser vistos em nosso país, à beira do Mar Mediterrâneo. Nápoles em toda a sua beleza, tão parecida com o Golfo de Haifa com o Monte Carmelo, nosso Vesúvio italiano sem fumaça. O Estreito de Messina e o Monte Etna, e, finalmente... Sim, e finalmente - Alexandria, no Egito, a porta de entrada para o Lar Nacional do povo hebreu, cidade portuária antes da ancoragem na velha Jafa.

Quem viu meu pai de pé no convés do navio ao lado do capitão, apesar da espuma criada pelas fortes ondas em sua agitação invernal, e da palidez de seu rosto, nenhum sinal mostrava seu enfrentamento ao mar, agora ele parecia um marinheiro típico dos nossos dias. Um marinheiro dos navios hebreus que navegaram por estes mares, dois mil anos antes, na poderosa

¹¹ O Rife é uma região montanhosa no norte de Marrocos às margens do Mar Mediterrâneo e defronte ao estreito de Gibraltar.

frota do romano Pompeu, e dos que se seguiram a ele ao proclamarem vitória contra os judeus. E diante do comentário do seu filho mais velho, enquanto se encontrava no convés do navio que balançava violentamente, meu pai exclamou:

- Torço para que chegue o dia e eu possa ver a ressurreição da marinha hebraica! Acredite em mim, meu filho, pois somente nesta que é a terra dos nossos antepassados, estabalecerei minha morada e nela permaneceré até o dia da minha morte.

Vinte e quatro horas se passaram quando atravessamos o canal de Suez, e às onze horas do dia seguinte, avistamos Jerusalém com suas imagens douradas no horizonte. Meu pai abaixou-se e, antes de abraçar os que vinham ao seu encontro, inclinou-se de repente e beijou a terra, pois quis o destino e ele teve o privilégio de vê-la liberada, hebraica e confiante no seu destino promissor.

e) Distúrbios?

Quem não viu meu pai entre sua família e mesmo entre seus irmãos hebreus nos primeiros anos da ocupação inglesa, não viu um homem orgulhoso assim naquele tempo. Naqueles dias ele deixou de lado, quase que completamente, o dicionário, o maior empreendimento de sua vida.

- Esta não é época para a escrita – costumava repetir para todos os seus seguidores – esta é a época da ação!

- Mas... – costumava seu filho mais velho implicar com ele dizendo – cada dia dedicado à ação pública representa uma página a menos do dicionário tão aguardado a ser concluído por você, não é?

- Não se preocupe, meu filho, - ele me responderia em sua costumeira calma tranquilizadora - porque eu fiz um pacto com o Todo Poderoso, dizendo-lhe que não haverei de morrer sem antes concluir a minha obra!

E era quase concebível, a princípio, que a redação de seu dicionário tivesse sido deliberadamente negligenciada. No entanto, ao apegar-se à questão do renascimento nacional, meu pai sentia-se atraído pelos atos de bravura daqueles dias, e sim, ele desejava viver, viver ao menos cem anos, para ver com seus próprios olhos a realização de um grande milagre. Todo seu pensamento e energias eram voltados a encontrar-se com os funcionários das autoridades inglesas, conversar semanalmente com Ronald Storrs, o aprazível governador de Jerusalém, além de tentar despertar a juventude para a ação contínua e fortalecer o Comitê da Língua

Hebraica¹². O que ele não fez, por exemplo, para ajudar seu filho mais velho mediante a criação do jornal *Doar Hayom*¹³, lançado por um grupo de entusiastas de Jerusalém por conta própria, apesar da oposição de muitos senhores desta terra. Os melhores de seus artigos políticos foram publicados nesse jornal por quatro anos consecutivos - artigos que transmitiram faíscas de entusiasmo a todos aqueles que almejavam o renascimento do hebraico e sua transformação em língua viva.

No meio de todo aquele despertar político e linguístico aconteceu num dia claro o que ninguém poderia imaginar, parecendo um duro pesadelo, sacudindo até mesmo aqueles idealistas dentre nosso povo. Repentinamente, uma multidão atacou judeus causando inúmeras mortes. O sangue de seres inocentes manchou as ruas de Jerusalém e uma assustadora escuridão apoderou-se da cidade. Aqueles distúrbios abalaram profundamente meu pai, tal como um trovão num céu claro. Num instante, um grande sonho de toda uma vida despedaçou-se. Aquilo lembrou-lhe de todos os distúrbios antijudaicos ocorridos em sua juventude na Lituânia. O terrível era perceber que o distúrbio atual havia acontecido em Israel, em Jerusalém, na Cidade Santa, na terra da Bíblia e da profecia, no lugar do despertar hebreu - certamente era impossível para ele constatar essa nova realidade. E quem o visitou na noite posterior àquele derramamento de sangue, pode vê-lo enfiado em sua poltrona larga, com as mãos na cabeça e um murmúrio sombrio saindo de seus lábios: - acabou! Todos que o viram naquela noite pensaram que ele tinha sido acometido por um derrame, ou por um infarto ou que ele estava à beira da morte.

- Acabou! está tudo acabado! – ele repetia sem parar.

Então aproximei-me e sussurrei em seu ouvido:

- Você, meu pai, vai ficar com medo? Você, meu pai, deixará que o povo, lá, dentro da cidade, fique atemorizado e o resto de sua esperança se extinga? Você chama ao que ocorreu em Jerusalém de distúrbio? Na verdade, o que ocorreu aqui foi uma guerra, meu pai, a primeira guerra hebraica desde nossa destruição catastrófica. Levante-se, meu pai, e tome coragem. Escute a voz do seu filho e exalte o ânimo do nosso povo que teve a graça de voltar a poder lutar.

¹² O Comitê da Língua Hebraica foi fundado por um grupo de ativistas e intelectuais de Jerusalém, entre os quais se encontravam Eliezer Ben-Yehuda, o Rabino Yaacov Meir, Haim Kalmi, Haim Hirschenzhon, David Yelin, Avraham Moshé Lunz, o Rabino Yechiel Pinnes e Zeev Yabets, em 1889, inicialmente sob o nome de *Chevrat Safá Brurá* (Associação para uma linguagem clara). Essa associação, presidida por Eliezer Ben-Yehuda visava incentivar o uso do hebraico falado como vernáculo, assim como a coleta, organização, classificação e divulgação de palavras novas nessa língua. Em 1905, a associação deu origem ao Comitê da Língua Hebraica. Eliezer Ben-Yehuda presidiu o Comitê entre 1912 e 1922. Em 1953 o Comitê deu origem à Academia da Língua Hebraica. Disponível em: <https://hebrew-academy.org.il/2014/11/23> Acesso em 15/03/2022

¹³ *Doar Hayom* – Foi um jornal de circulação diária em hebraico que teve como editor chefe Itamar Ben Avi, filho de Eliezer Ben-Iehuda. A redação encontrava-se em Jerusalém e o jornal circulou entre 1919 e 1936.

Nesses momentos ouviu-se uma comoção na rua. Centenas de milhares de jovens passaram por nossa casa. Rothenberg e Jabotinsky também subiram ao seu quarto. Os batalhões de autodefesa conseguiram se organizar, e dezenas de árabes foram mortos na batalha seguinte. Olho por olho, dente por dente. O dia da vingança tinha chegado, e aí daqueles que acreditam que Israel será golpeado em sua terra e não irá revidar.

- Quem estiver com Deus, que se junte a nós! – a frase tornou-se o grito de nosso povo.

Esse chamado penetrou desde a Rua Dos Etíopes até o quarto do meu pai. Ao ouvi-lo, sua cabeça ergueu-se e seu rosto tornou-se radiante, embora sua palidez ainda não tivesse sido removida. Seus olhos pareciam novamente queimar em chamas. Acompanhado por Rothenberg e Jabotinsky, lançou um chamado, o mesmo chamado que já havia feito, cinco anos antes, mostrando-se confiante na vitória do hebraico, renovando novamente seu apelo:

- Viva a guerra!

f) A última noite

Somente alguns dias depois, Weizmann veio nos visitar pela quarta vez. Aqueles, de fato, foram dias tempestuosos na política local. Meu pai aspirava apenas a uma coisa: ele almejava pela paz geral entre os hebreus e os árabes, e por compromissos com todas as facções partidárias, mas, acima de tudo, pela criação de uma universidade hebraica no Monte Scopus¹⁴. Convidei, portanto, o líder sionista para meu apartamento, e minha esposa preparou, em sua homenagem e em homenagem a meu pai, um banquete oriental.

Então Weizmann levantou-se para ficar a sós com meu pai numa discussão intensa. Olhamos para os dois, sentados no canto do meu escritório. Papai estava vermelho, como sempre, depois de uma boa refeição, seus olhos estavam ardendo, num misto de excitação e ira. Nunca vou esquecer aqueles momentos. Repentinamente, ouvimos meu pai exclamar:

- Você promete, Dr. Weizmann?

¹⁴ Um dos mais importantes projetos do movimento sionista foi o da criação de uma universidade hebraica na terra de Israel. A proposta para tal universidade foi feita ainda em 1884 na conferência de Kattowitz. O lançamento da pedra fundamental para a criação do projeto ocorreu em 1918, e sete anos mais tarde, em 1º de Abril de 1925, o campus da universidade no Monte Scopus em Jerusalém foi aberto numa cerimónia de gala. Estiveram presentes, o presidente do conselho diretor, o Dr. Chaim Weizmann, distintas figuras acadêmicas e políticas e dignitários britânicos, como Lord Arthur James Balfour, quem tinha emitido a famosa declaração de apoio à criação do Lar Nacional para o povo judeu em 02 de novembro de 1917, o General Allenby, que foi quem comandou as tropas britânicas que expulsaram as tropas turcas da Palestina em dezembro de 1917, e Sir Herbert Samuel, o primeiro Alto Comissário britânico para a Palestina, entre 1920 - 1925.

- Eu prometo, - respondeu o líder.

E a campainha tocou. A chuva parou e os convidados se levantaram para voltar às suas casas.

Também meu pai, que obteve do líder o que desejava – recebendo dele concordância para a maioria de suas opiniões em relação à futura universidade no Monte Scopus.

Quem se atreveria a profetizar para mim naquele momento - talvez o mais bonito da minha vida – que aquela seria a última noite antes de sua morte?

g) Uma batida

Acordei ao som de uma batida. Aquela era a batida pela qual temi por quarenta anos. A maldita e horrível batida, em pausas contínuas e ásperas.

- Quem está aí? – perguntou minha esposa.

- E do outro lado alguém respondeu: - Ben-Yehuda está doente!

Pulei da cama e minha cabeça girava.

- Ele pede para ver seu filho imediatamente! - Exclamou a voz do lado de fora, era a voz de seu secretário.

Eu me vesti rapidamente sem dizer nada e saí. Fora encontrava-se o secretário do meu pai, pálido como um morto.

- Vamos - ordenei.

E fomos andando rapidamente. Aqueles momentos pareceram durar anos, embora alguns passos separassem minha casa na rua Hassolel da casa de meu pai na Rua dos Etíopes (*Habashim*). Um vento frio gelado e mortal soprou em meu rosto. Luzes fracas piscavam aqui e ali perto do Hospital Rothschild. Quando chegamos na casa do meu pai, a porta estava escancarada e uma grande luz iluminava o corredor. Subi, sem qualquer restrição, e lá, minhas pernas congelaram. Irrompi no salão, sua esposa estava vagando ali para frente e para trás. Minha irmã mais velha ainda não havia voltado do hospital para onde fora por ordem do médico, e a menor estava ajoelhada em frente à poltrona - na qual meu pai gostava de passar seus momentos meditando e lendo livros e jornais.

- E onde está papai? - Perguntei.

- Teu pai está lá – gritou minha madrastra com a voz embargada.

Entrei no quarto e minha visão escureceu. Dois médicos já o estavam tratando. Meu pai estava esparramado no amplo sofá, sua cabeça repousava sobre travesseiros e cobertores e

ambas as mãos se aninhavam sobre seus joelhos. Uma palidez infinita embranquecia seu rosto e ambos os olhos perdidos examinaram o teto escuro.

Aproximei-me da poltrona e perguntei: - O que você tem, querido pai?

E dirigindo-me aos médicos, aos quais se somara um terceiro eu disse:

- Digam a ele, que não há de ser nada.

Meu pai ergueu-se um pouco e com o esforço de uma força contida apoiou-se sobre sua coxa direita. Apertei sua mão esquerda com força. Ela estava emaciada. Tentei aquecê-la, até consegui por um momento. Essa energia o acordou imediatamente, então ele abriu a boca com um leve sorriso e seus lábios proferiram a seguinte frase:

- Estou com falta de ar, meu filho!

- Mas os médicos pensam que isto é uma coisa passageira, como sempre, pai...

Seus olhos se desvaneceram cada vez mais.

- Estou tão cansado – ele murmurou.

Todos nos aproximamos dele. Serviram-lhe um pouco de chá e os médicos lhe introduziram um remédio entre os dentes. Um rubor repentino apossou-se de suas bochechas. Sua cabeça se ergueu, ele queria falar mais, dizer alguma coisa, talvez à sua família e ao seu povo.

- Eu não vou morrer! – ele disse.

Nesse instante, o Dr. Newman sussurrou-me:

- Aperte a mão dele, porque acabou.

Então meu pai abaixou a cabeça e contraiu os lábios. Nesse instante pressenti que sua alma tinha voltado para o céu.

O que aconteceu naquele momento eu não sei. Somente depois de uma hora, seu médico e amigo, o Dr. Mazia veio até nós triste, porém resignado. Por mais de trinta anos ele tinha lutado para salvar a vida de Ben-Yehuda. Entrando no quarto, ele baixou as pálpebras de meu pai para sempre - só então sentimos de repente o abismo ao nosso redor, e o luto pesado e geral se abater sobre nossas cabeças. A morte que o perseguiu por quarenta anos de sua vida tumultuada havia chegado.

- Morto!!? – Certamente não! Ele estará vivo na língua das futuras gerações desta nossa terra hebreia para sempre!.

Referências bibliográficas

AVINERI, Shlomo. *La Idea Sionista, notas sobre el pensamiento nacional judio*. Jerusalém, La Semana Publicaciones, 1983

BEN-AVI, Itamar – *Avi (Meu pai) Project Ben Yehuda*. Disponível em:<
<https://benyehuda.org/read/25620>> Acesso em 18/12/2021.

BEN-Avi, Itamar. *Hechatzuf haeretziisraeli (The Cheeky Hebrew Man)*. Rishon LeZion, Miskal – Yedioth Ahronot, 2016

BEREZIN, Rifka. Os Fundamentos Históricos do Hebraico Moderno. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, nº7. São Paulo, Targumim, 2009

RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo, Summus Editorial, 1973

SACHAR, Howard M. *História de Israel I – Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo*. Rio de Janeiro, A. Koogan, 1989